

# O LINGUISTA E A LINGUÍSTICA NO CLG

## THE LINGUIST AND THE LINGUISTICS IN THE CLG

Valdir do Nascimento Flores

### RESUMO

O objetivo deste texto é discutir os conceitos de linguista e linguística do ponto de vista do *Curso de linguística geral* de Ferdinand de Saussure. Da perspectiva teórico-metodológica, objetiva-se desenvolver uma forma de análise de noções e conceitos em linguística geral.

### PALAVRAS-CHAVE

Epistemologia da linguística; Ferdinand de Saussure; teoria linguística

### ABSTRACT

The purpose of this paper is to discuss the concepts of linguist e linguistics from the viewpoint of the Course in general linguistics of Ferdinand de Saussure. From the theoretic-methodological vantage view, it is intended to develop a manner of analysis of the notions e concepts in the linguistics theory.

### KEY WORDS

Epistemology; Ferdinand de Saussure; linguistics theory.

**A:** *O senhor tem jeito de doutor! O senhor trabalha aqui perto? No que o senhor trabalha?*

**B:** *Não. Eu moro aqui em frente. Eu sou professor!*

**A:** *A é!!! (surpresa, com certa decepção). Professor de quê?*

**B:** *De linguística.*

**A:** *Ah... (com certa hesitação). E o que é isso?*

(Conversa informal, em janeiro de 2009)

O diálogo acima ocorreu em uma situação real de interação. Trata-se de uma pequena conversa que tive (falante A) com o porteiro (falante B) de um estacionamento, que costumo utilizar em frente à minha residência. Meu interlocutor, depois de me ver, dia após dia, utilizando o estacionamento, o que, de certa forma, configura uma rotina, sentiu-se à vontade para, durante o pagamento da diária, me dirigir as perguntas reproduzidas acima.

Sem me deter na visível decepção que causei ao me declarar professor, gostaria apenas de destacar, em forma de perguntas, um aspecto que o diálogo coloca à mostra: como responder à questão formulada pelo porteiro no último enunciado transcrito? Como explicar-lhe *o que faz* um linguista? Ou ainda: quem de nós, auto-denominados linguistas, ainda não se deparou com essa difícil questão principalmente quando ela é formulada por um leigo?

Como se pode ver, não reproduzi na transcrição acima a resposta que dei ao curioso interlocutor. E isso por um motivo: não respondi de uma maneira que seria aceita como válida pelos cânones da linguística. Expliquei da melhor maneira que pude o meu ofício, mas tenho clareza que não procedi da forma como recomendam os fazeres científico e acadêmico.

Muitos poderiam dizer que a dificuldade de resposta à pergunta decorreria do fato de ser a linguística uma área de grande *especialização técnica*, o que inviabilizaria respostas diretas a leigos, já que estes não partilhariam do mínimo de conhecimento para compreendê-las. Poderia ser acrescentado a esse argumento favorável à incomunicabilidade massiva da linguística o fato de ser a linguística uma área com inúmeras ramificações, teorias e conceitos, nem sempre convergentes. Finalmente, não seria de se ignorar o fato de a linguística carecer de um objeto que desfrutasse de unanimidade entre seus pares: afinal o objeto da linguística é a *língua como sistema de signos*, a *competência inata do falante-ouvinte ideal* ou, apenas para citar esses, a *variação linguística condicionada socialmente*?

Tudo indica, então, que o fazer do linguista é algo difícil de ser explicado para leigos. Admitir isso pode conduzir à (falsa) impressão de que seria fácil explicar o que faz um linguista a pessoas minimamente informadas. Nesse caso, caberia ainda a indagação: minimamente informadas em quê? O que seria equivalente a: quais conhecimentos mínimos são exigidos de alguém para que venha a ser admitido como potencial interlocutor de uma área de especialidade como a linguística?

A linguística não é difícil de ser explicada apenas para leigos: são conhecidas as queixas dos professores a respeito da falta de compreensão que alunos da universidade, especialmente de Cursos de Letras, têm para entender a linguística. Não raras vezes, essa é a disciplina que, em cursos de Letras, encabeça a lista das que mais reprova.

Ora, concordemos: é difícil explicar, seja para quem for, o que faz um linguista. De minha parte, sempre achei perturbador não encontrar com facilidade maneiras de explicar, no campo do social, o que faz um linguista.

Parece que o incômodo com a linguística não é recente entre os linguistas. Conforme Tullio de Mauro (1976, p. 354) Ferdinand de Saussure em entrevista com L. Gautier, em 6 de maio de 1911, se declara muito insatisfeito com a linguística e diz<sup>1</sup>: “vejo-me diante de um dilema: ou expor o assunto em toda a sua complexidade e

---

<sup>1</sup> A tradução aqui apresentada é de Isaac Nicolau Salum constante em *Prefácio à edição brasileira*, presente na tradução brasileira do *Curso de Linguística Geral*.

confessar as minhas dúvidas, (...), ou fazer algo simplificado (...). Mas a cada passo me vejo retido por escrúpulos”.

Como se vê, o tema aqui apresentado, ao contrário do que se poderia supor, não é novo. Muitos já se debruçaram sobre ele. Lembremos mais dois linguistas.

J-C Milner, em *L'amour de la langue* (1978), pergunta: “o que há do lado do linguista?” (p. 113). A isso, acrescenta: “a linguística em si não faz laço social, ela só consegue isso na e pela Universidade; nesse sentido, não existe discurso linguístico, mas somente uma especificação do discurso universitário” (p. 113). Mais adiante diz Milner: “O linguista, por definição, estuda e ensina: de onde para ele a importância do reconhecimento acadêmico.” (p. 115).

Lembro ainda Cláudia de Lemos (2008) que, em texto instigantemente intitulado *Entre o falante ideal e o sujeito falante: por onde se move a pesquisa linguística e/ou por onde circula o linguista* comenta:

Quero chamar a atenção para o fato de que o que opõe um subtítulo ao outro é tanto a diferença crucial entre **circular** e **mover-se** quanto seus sujeitos. De fato, quem circula entre o falante-ouvinte ideal e o sujeito falante é o linguista e com isso quero apontar para um linguista que, sem saída, vai de uma posição para outra e, ao mesmo tempo, leva seu objeto – língua ou fala – de um lugar para o outro (...) [grifos da autora]

A isso, acrescenta a autora:

Quem simplesmente se move da posição do sujeito-falante à de falante-ouvinte ideal é, por outro lado, a pesquisa linguística, isto é, um empreendimento, digamos, coletivo, idealizado sob essa expressão que, como tal, quer-se neutra ou indiferente às figurações de que a linguística se serve para tratar do que Milner<sup>2</sup>, (...) chama de **factum loquendi**. Isto é, do que corresponde à proposição factual “os homens falam” e da qual se extrai ou abstrai o **factum linguae**, o fato de haver língua ou línguas (o que não deixa de colocar problemas) e do qual, mais uma vez, se extrai, se abstrai ou se recorta, o **factum grammaticae**, o fato de haver gramática [grifos da autora]

Destaquei essas passagens dos textos dos autores porque, com a citação de Milner, ilustro o que chamei acima de “especialização técnica” da linguística, apresentado por Milner pelas expressões “falta de laço social”, “discurso universitário” e “reconhecimento acadêmico”. Com a referência ao texto de Lemos ilustro a deriva na qual se encontram linguista e linguística: deriva de posição. Voltarei a isso a seguir.

Isso posto, posso formular o objetivo deste trabalho: dar início à divulgação dos resultados de um programa de pesquisa que visa a indicar como os considerados “grandes linguistas” pensaram o ofício do linguista. Em outras palavras: quero saber o

---

<sup>2</sup> Cláudia de Lemos refere-se aqui ao livro *Introduction à une science du langage*. Paris: Éditions du Seuil, 1989.

que os fundadores disseram sobre o fazer do linguista. Creio que, com isso, algo também poderá ser dito sobre a linguística.

Esse objetivo decorre diretamente do desconforto que deixo entrever ao relatar, acima, certa incapacidade de explicar minha profissão ao porteiro.

Enfim, como se deduz facilmente, é impossível dar conta da totalidade do programa de pesquisa ao qual apenas faço alusão aqui. Nesse caso, proponho para este texto, apenas apresentar um recorte de minhas pesquisas: pretendo mostrar, em linhas gerais, como Ferdinand de Saussure – o fundador do campo – pensou a tarefa do linguista. Interessa-me destacar o que Saussure reservou aos seus sucessores: quais tarefas? Quais problemas? Quais indagações dirige-lhes?

Para tanto, estarei limitado ao *Curso de linguística geral* (CLG)<sup>3</sup> porque, inicialmente, parece ser o CLG a grande fonte de acesso ao pensamento saussuriano. Evidentemente, não desconheço a importância que teria estender aos *Escritos de linguística Geral*<sup>4</sup> o raciocínio aqui aplicado ao CLG, uma vez que os editores dos *escritos* chegam inclusive a intitular uma parte do livro de “Reflexões sobre as operações do linguista” (cf. parte 6 dos *Escritos*). Mas, por ora, somente quero dar a conhecer as linhas gerais de um projeto maior.

O texto terá o seguinte desenvolvimento: na primeira parte, apresento as passagens em que textualmente o CLG refere-se à tarefa do linguista; na segunda parte, procedo a uma análise desse material tendo em vista o objetivo de responder a seguinte questão: que lugares (tarefas, propósitos etc.) são reservados ao linguista pelo texto fundador da linguística? Finalmente apresento as conclusões.

## 1 O linguista no CLG: as ocorrências

Se li com alguma atenção o CLG, há 17<sup>5</sup> referências diretas ao linguista no decorrer do livro (cf. numeração ordinal abaixo).

---

<sup>3</sup> Serão usadas as seguintes edições do CLG:

De MAURO, Tullio. *Cours de linguistique générale*. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1972.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Cultrix, São Paulo: 1975.

<sup>4</sup>Cf. SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de linguística Geral*. São Paulo, Cultrix, 2004. (organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler).

<sup>5</sup> Na verdade, o leitor atento encontrará muitas outras ocorrências da palavra “linguista” no CLG. Há casos como o da página 223: “O parentesco universal das línguas não é provável, mas se fosse verdadeiro – como crê um **linguista** italiano, Trombetti – não poderia ser provado, devido o excessivo número de mudanças ocorridas” (CLG, p. 223) [Grifo meu]. Mas, como avisei reiteradamente, interessam-se as ocorrências em que “linguista” é utilizada com referência ao fazer do linguista, aí incluídas as tarefas e os deveres do profissional que se ocupa da área da linguística.

a) No capítulo II da Introdução (*Matéria e tarefa da linguística: suas relações com as ciências conexas*), há duas ocorrências:

1) “A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadências, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a ‘bela linguagem’, mas todas as formas de expressão. Isso não é tudo: como a linguagem escapa as mais das vezes à observação, o **linguista** deverá ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas passados ou distantes.” (CLG, p. 13) <sup>6</sup> [Grifo meu];

Logo adiante, ainda no mesmo capítulo, lê-se: “Qual é enfim a utilidade da Linguística? Bem poucas pessoas têm a respeito idéias claras; não cabe fixá-las aqui” (CLG, p. 14). E acrescenta:

2) “... não há domínio onde tenha germinado idéias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções. Do ponto de vista psicológico, esses erros não são desprezíveis; a tarefa do **linguista**, porém, é, antes de tudo, denunciá-los e dissipá-los tão completamente quanto possível” (CLG, p. 14) [Grifo meu];

b) No parágrafo 3 (*Lugar da língua nos fatos humanos. A semiologia*) do Capítulo III (*Objeto da linguística*) da Introdução:

3) “Cabe ao psicólogo determinar o lugar exato da Semiologia; a tarefa do **linguista** é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos” (CLG, p. 24) [Grifo meu];

c) No Capítulo V (*Elementos internos e elementos externos da língua*) da Introdução

4) “... o **linguista** deve também examinar as relações recíprocas entre a língua literária e a língua corrente...” (CLG, p. 30) [Grifo meu];

d) No Capítulo VI (*Representação da língua pela escrita*) da Introdução:

5) “O objeto concreto de nosso estudo é, pois, o produto social depositado no cérebro de cada um, isto é, a língua. Mas tal produto difere de acordo com os grupos linguísticos: o que nos é dado são as línguas. O **linguista** está obrigado a conhecer o maior número possível delas para tirar, por observação e comparação, o que nelas exista de universal” (CLG, p. 33) [Grifo meu];

---

<sup>6</sup> O *Curso de linguística geral* será referido segundo o sistema sigla seguida de página.

- 6) “... quando existe desacordo entre a língua e a ortografia, o debate é sempre difícil de resolver por alguém que não seja o **linguista**...” (CLG, p. 36) [Grifo meu];
- e) No Capítulo VII (*A fonologia*) da Introdução:
- 7) “O **linguista** exige, antes de tudo, que lhe seja fornecido um meio de representar os sons articulados que suprima qualquer equívoco” (CLG, p. 43) [Grifo meu];
- 8) “Diante de cada caso, cumpre traçar o *sistema fonológico* do idioma estudado, isto é, o quadro de sons de que ele se utiliza; cada língua, de fato, opera com um número determinado de fonemas bem diferenciados. A única realidade que interessa ao **linguista** é esse sistema” (CLG, p. 44) [Grifo meu];
- f) No capítulo III da Primeira Parte (*A linguística estática e a linguística evolutiva*). Após distinguir o eixo das simultaneidades e o eixo das sucessões, diz o CLG:
- 9) “É ao **linguista** que tal distinção [*linguística estática / linguística evolutiva*] se impõe mais imperiosa, pois a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos” (CLG, p. 95) [Grifo meu];
- 10) “A primeira coisa que surpreende quando se estudam os fatos da língua é que, para o indivíduo falante, a sucessão deles no tempo não existe: ele se acha diante de um estado. Também o **linguista** que queira compreender esse estado deve fazer *tábula rasa* de tudo quanto produziu e ignorar a diacronia. (...). (CLG, p. 97) [Grifo meu];
- 11) Seria absurdo desenhar um panorama dos Alpes focalizando-o simultaneamente de vários picos do Jura; um panorama deve ser focalizado de um só ponto. (...). Quando o **linguista** segue a evolução da língua, assemelha o observador em movimento, que vai de uma a outra extremidade do Jura para anotar os deslocamentos da perspectiva” (CLG, p. 97) [Grifo meu];
- 12) “A oposição entre o diacrônico e o sincrônico se manifesta em todos os pontos. (...) Nesse ponto, está claro que o aspecto sincrônico prevalece sobre o outro, pois, para a massa falante, ele constitui a verdadeira e única realidade. Também a constitui para o **linguista**: se este se coloca na perspectiva diacrônica, não é mais a língua o que percebe, mas uma série de acontecimentos que a modificam.” (CLG, p. 106) [Grifo meu];

- 13)“... no estudo sincrônico do antigo francês, o **linguista** trabalha com fatos e princípios que nada têm de comum com aqueles que o fariam descobrir a história dessa mesma língua, do século XIII ao século XX” (CLG, p. 116) [Grifo meu];
- g) No capítulo V (*Analogia e evolução*) da Terceira parte:
- 14)“Mas uma coisa interessa particularmente ao **linguista**: na massa enorme dos fenômenos analógicos que representam alguns séculos de evolução, quase todos os elementos são conservados; somente que se distribuam de forma diversa” (CLG, p. 199-200) [Grifo meu];
- h) No capítulo III (*Causas da diversidade geográfica*) da Quarta Parte:
- 15)“Pelos seus caracteres, o eslavo se sobrepõe ao iraniano e ao germânico, o que está de acordo com a repartição geográfica dessas línguas; de igual maneira, o germânico pode ser considerado como um anel intermediário entre o eslavo e o céltico, o qual, por sua vez, tem relações muito íntimas com o itálico; este é intermediário entre o céltico e o grego, se bem que, sem conhecer a posição geográfica de todos esses idiomas, um **linguista** pudesse, sem hesitação, assinalar a cada um deles o que lhe pertence.” (CLG, p.236-237) [Grifo meu];
- i) No Capítulo IV (*O testemunho da língua em antropologia e em pré-história*) da Quinta Parte:
- 16)“O **linguista** pode, portanto, graças ao método retrospectivo, remontar o curso dos séculos e reconstituir línguas faladas por certos povos muito antes de sua entrada na História”. (CLG, p. 260) [Grifo meu];
- Ao negar que se possa exigir de uma língua ensinamentos referentes à mitologia e religião dos povos Saussure lista uma série de motivos que o apoiariam dentre esses a:
- 17)“... incerteza da etimologia; compreendeu-se pouco a pouco como são raras as palavras cuja origem está bem estabelecida, e o **linguista** se tornou mais circunspecto.” (CLG, p. 263) [Grifo meu];

## 2 O linguista no CLG: algumas leituras possíveis

### 2.1 Primeiras considerações

O *Curso de lingüística geral* é responsável por alçar a disciplina lingüística à condição de ciência em função, basicamente, de ter circunscrito um objeto e um método para a disciplina. Em função disso é que François Dosse, em seu *História do estruturalismo*, diz:

se o estruturalismo engloba um fenômeno muito diversificado, mais do que um método e menos do que uma filosofia ele encontra seu cerne, sua base unificadora no modelo da lingüística moderna e na figura daquele que é apresentado como seu iniciador: Ferdinand de Saussure (DOSSE, 1993, p. 65)

A influência de Saussure decorre, especialmente, do CLG, livro póstumo que fora organizado por dois de seus amigos, a partir de três cursos ministrados por ele na Universidade de Genebra.

Antes de proceder à análise do papel do linguista no CLG, quero chamar a atenção para três pontos que normalmente são causas de muitos mal-entendidos, quando o assunto que está em pauta é Saussure, a fundação da lingüística e o papel que teve para o nascimento e apogeu da lingüística na sua versão estruturalista.

O primeiro ponto diz respeito às condições de aparecimento do livro. Geralmente, se ouve dizer que foram os alunos de Saussure que escreveram o livro. Não. Albert Sechehay e Charles Bally não assistiram integralmente os cursos de Saussure e dizem isso no prefácio que fazem à obra<sup>7</sup>. Disso decorre uma constatação: o livro foi organizado por pessoas que não ouviram as aulas do mestre e que se basearam tão-somente nas notas dos cadernos dos alunos de Saussure.

Segundo ponto, esse já mais conhecido: Saussure não utilizou a palavra *estrutura* e o CLG é fiel a isso. Seu termo era *sistema*<sup>8</sup>. A palavra *estrutura* veio a ser utilizada apenas no final da década seguinte, mais especificamente em 1929, nas teses formuladas no *Congresso Internacional de Lingüística de Haia* pelos lingüistas Roman Jakobson e Nicolas Troubetzkoy.

Terceiro ponto: Ferdinand de Saussure é normalmente associado a uma série de dicotomias: significante, significado; paradigma, sintagma, diacronia, sincronia; e a mais famosa: língua e fala.

Ora, Saussure nunca tomou essas dicotomias como dicotomias *stricto sensu*. Aliás, parece-me mais que Saussure falou em um terceiro elemento mediador da relação binária. Saussure pensou em uma relação que facilmente seria aprovada aos olhos dos dialéticos. Veja-se: para a dicotomia significante/significado, há o signo; para paradigma (que Saussure chamava de eixo associativo)/sintagma, há o sistema; para

---

<sup>7</sup> “... obrigações profissionais nos haviam impedido quase completamente de nos aproveitarmos de seus [de Saussure] derradeiros ensinamentos...” (Bally e Sechehay, Prefácio á primeira edição, p.2)

<sup>8</sup> Dosse confirma isso; “Saussure só fizera uso do termo sistema, múltiplas vezes citado, 138 vezes nas 300 páginas do CLG” (Dosse, 1993, p. 66)



diacronia/sincronia, há a pancronia; para língua/fala, há a linguagem. Tudo orquestrado pela noção de *valor*.

Em suma: tese, antítese e síntese. E tudo sob a égide de um grande terceiro: o *valor*.

Assim, cabe indagar: será que Saussure foi um estruturalista? Ou seria mais correto dizer que se fez uma leitura estruturalista de Saussure?

Considere-se apenas um exemplo:

Quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem idéias nem sons preexistentes ao sistema lingüístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema (CLG, p. 139).

Esse é um princípio organizador de toda a teoria saussuriana: o princípio da diferença. Mas não uma diferença qualquer, é uma diferença que não supõe substancialização. Com isso Saussure se desvencilha de muitas concepções que eram bastante comuns no início do século XX.

A idéia de pura diferença, que o leva a falar em pura negação, o coloca em oposição a uma visão causalista de língua. O princípio da arbitrariedade do signo e a teoria do valor, são, em linhas gerais, os avatares da dessubstancialização da língua e da recusa à uma explicação causal que preexista à própria língua.

Somente agora, depois de ter livrado Saussure da marca estruturalista, é que me sinto à vontade para falar no tema eleito para este trabalho.

## 2.2 O linguista e a linguística no CLG

As 17 passagens do CLG destacadas acima podem, segundo penso, ser divididas em<sup>9</sup>:

- a) **Posições relativas ao linguista que implicam reflexão sobre o que o linguista deve fazer, no âmbito geral da ciência. Ilustram isso as ocorrências (1), (2), (4) e (6).**

Nesses casos há explicitamente a determinação de um modo de fazer que implica um método e mesmo uma atitude frente a Linguística.

---

<sup>9</sup>Importa considerar que a divisão proposta não exclui o fato de uma ocorrência pertencer simultaneamente a mais de uma das *Posições*. Meu interesse é apenas pontuar o aspecto que, de acordo com meus objetivos, é mais relevante.

Em (1), é asseverado que o *linguista deverá ter em conta os textos escritos*. Chama a atenção essa afirmação, pois é comum encontrar-se, nos compêndios de lingüística, a reiterada exclusão da escrita do objeto da lingüística, operada por Saussure. É bem verdade que no CLG, no capítulo V da Introdução – *Representação da língua pela escrita* –, lê-se que *a escrita obscurece a visão da língua; não é um traje, mas um disfarce* (CLG, p.40). Mas não é menos verdade que, no mesmo CLG, encontra-se: *a língua é um sistema de signos que exprimem idéias, e é comparável, por isso, à escrita (...)* (CLG, p. 24) <sup>10</sup>. No caso em análise, não se pode deixar de admitir que o CLG recomenda textualmente que o linguista se ocupe do texto escrito – o que é corroborado em (4) – como forma de ter acesso ao *passado* das línguas e mesmo à sua ortografia, como em (6). Acresce-se a tudo isso algo não menos instigante: a causa de o linguista recorrer aos *textos escritos: a linguagem escapa as mais das vezes à observação*.

Há, em (2), uma recomendação que facilmente agradaria os olhos de um sociolinguista: o linguista deve não só *dissipar as idéias absurdas, preconceitos, miragens e ficções* sobre a língua como denunciá-los. Parece-me haver, nesse caso, não apenas uma determinação de método, mas o ensejo de uma política lingüística.

**b) Posições relativas sobre o que o linguista deve conhecer. Ilustra isso a ocorrência (5)<sup>11</sup>.**

De acordo com (5), o linguista precisa *conhecer o maior número possível* de línguas para, *por observação e comparação*, identificar *o que nelas exista de universal*. De certa forma, vê-se antecipada, mesmo que embriõriamente, muito do que viria a ser, a partir dos anos 60, a tese gerativista, que reacende o interesse pelo caráter universalista da linguagem.

**c) Posições que relacionam o linguista à língua como sistema. Ilustram isso as ocorrências: (3), (8) e (9).**

Em (3), encontra-se uma das recomendações ditas “de Saussure” que obteve maior notoriedade no século XX: o linguista deve *definir o que faz da língua um sistema*

---

<sup>10</sup>Para um aprofundamento sobre a relação de Saussure com a escrita, ver: ENDRUWEIT, Magali Lopes. *A escrita enunciativa e os rastros da singularidade*. Doutorado em Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

<sup>11</sup>A ocorrência (15) poderia, com algum ajuste, integrar este item desde que se fizesse a ressalva que em (15) não é mais de um saber que se deve buscar, mas de um saber que é suposto.

diferente dos demais *atos semiológicos*. Por um só gesto tem-se, de um lado, a criação do campo (a língua é um sistema semiológico) e, de outro lado, a instauração de um programa de pesquisa (mas é um sistema diferente dos demais), e cabe ao linguista dar conta de ambos.

(8) e (9), embora cumpram papel semelhante a (3), distinguem-se desta por suporem esclarecida, mesmo parcialmente, a idéia de sistema. No primeiro caso, é o *sistema fonológico do idioma estudado* que é destacado; no segundo, é o *sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos*.

Em todas, *linguista* é acompanhado de certo entendimento de *língua*, a sua natureza de sistema.

**d) Posições que relacionam o linguista à língua como sistema por intermédio da definição do método da lingüística sincrônica. Ilustram isso as ocorrências: (10), (11), (12), (13) e (14).**

Muito semelhantes às ocorrências do grupo anterior, essas ocorrências têm em comum o fato de colocarem em implicação o linguista e a língua entendida como sistema, mas com alusão explícita ao método a seguir.

Não por acaso, tais ocorrências localizam-se, em sua maioria, no capítulo destinado a diferenciar a *lingüística estática* da *lingüística evolutiva* ou em capítulos em que o tema *evolução* é central. Ou seja, o linguista *que queira compreender esse estado* que é a visada estática da língua deve se colocar na mesma posição que *o indivíduo falante*, pois, para ambos, *a sucessão no tempo não existe*. É uma questão de método.

Não deixa de surpreender que o CLG recomende que o linguista se coloque na mesma posição do falante para que possa entender o objeto a ser descrito e explicado.

**e) As posições paradoxais (7) e (17)**

Deixei para o fim desta análise essas duas ocorrências porque, a meu ver, elas ilustram algo que deveria ser mais bem estudado no CLG: os limites do possível para o linguista. Explico-me.

Em (7), busca-se um meio de representar os sons de forma e suprimir *qualquer equívoco*. Em (17), a *incerteza da etimologia* torna o linguista *mais circunspecto*. No primeiro caso, tem-se uma condição para que o linguista possa falar, a ausência de equívoco; no segundo, tem-se o que cala o linguista, o que sobre a língua não é possível falar.

### 3 Para concluir: quem é o linguista hoje?

Do breve estudo acima decorrem as perguntas: quem é o linguista pensado por Ferdinand de Saussure e do qual o CLG apresenta não mais que uma versão? Que dificuldades tem o linguista para se instaurar como tal?

As perguntas parecem ganhar mais relevo na medida em que se vê, hoje em dia, que a lingüística oriunda do pensamento saussuriano é apenas sinônimo de exclusões, nem sempre confirmadas numa leitura mais atenta do *Curso*: exclusão da história, exclusão do sujeito, exclusão da escrita, exclusão da variação lingüística etc.

A Ferdinand de Saussure se atribui a designação, já meio fora de moda, de “pai da lingüística”. Há, no *Curso de lingüística geral*, um estatuto para a Linguística compatível com a epistemologia da época. A Lingüística de Saussure não ignora, porém, que o objeto dessa ciência é de difícil apreensão e que essa dificuldade incide sobre a posição do linguista: “qualquer que seja o lado por que se aborda a questão, em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da Lingüística” (CLG, p.16).

Que estranho destino o reservado ao linguista: nunca tocar a integralidade do objeto que julga estudar.

A isso, pode-se acrescentar o que diz o CLG, quando explica a dualidades que caracterizam a linguagem (pensamento/ som, lado social/ lado individual sistema estabelecido/ evolução:

Sempre encontramos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas (...), ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Lingüística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si (CLG, p. 16)<sup>12</sup>.

Como se vê, Saussure é consciente – e o *Curso* não deixa de registrar isso - das dificuldades em ser linguista e em delimitar o objeto da lingüística.

E essas dificuldades anunciadas para o linguista estão em toda a parte no CLG. Vejam-se mais algumas.

---

<sup>12</sup>Tullio De Mauro, neste ponto, inclui uma nota significativa referente à continuidade dessa parte do texto, na versão apresentada no *Curso*. Encontra-se no livro a seguinte continuidade “Quando se procede assim, abre-se a porta a várias ciências – Psicologia, Antropologia, Gramática normativa, Filologia etc. -, que separamos claramente da Lingüística, mas que, por culpa de um método incorreto poderiam reivindicar a linguagem como um de seus objetos” (p. 16). Segundo De Mauro, nos manuscritos não há a ausência da passagem “que separamos claramente da Lingüística”. Para De Mauro, “esta frase contrata com a tese de Saussure (...) segundo a qual a lingüística é uma parte da semiologia (...) Ela contrasta com a atitude de Saussure, vivamente interessado (...) pelas ciências vizinhas, da fonética à etnografia, à economia política etc.” (DE MAURO 1976, p.417)

No capítulo 4 da *Introdução* do *CLG*, “Lingüística da língua e lingüística da fala”, Saussure afirma que “Com outorgar à ciência da língua seu verdadeiro lugar no conjunto do estudo da linguagem, situamos ao mesmo tempo toda a Lingüística” (*CLG*, p. 26). E continua: “Todos os outros elementos da linguagem, que constituem a fala, vêm por si mesmos subordinar-se a esta primeira ciência e é graças a tal subordinação que todas as partes da Lingüística encontram seu lugar natural” (*CLG*, p. 26). Para ele, “... a língua pode ser comparada a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira por que é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não compromete em nada tal realidade.” (*CLG*, p. 26).

O que o *CLG* sublinha nessas passagens – de forma muito perspicaz, em minha opinião – é a relação do campo da lingüística com a exterioridade e, através disso, a relação do linguista com as exterioridades de seu campo. Questão bastante atual, ainda hoje.

Saussure considera que a atividade de quem fala deve ser estudada num conjunto de disciplinas que somente têm lugar na lingüística pela relação que mantêm com a língua. Por isso que o estudo da linguagem é dividido em duas partes: a primeira, cujo objeto é a língua; a segunda, cujo objeto é a parte individual, a fala. Conforme consta do *CLG*, “Cumprir escolher entre dois caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo; devem ser seguidos separadamente.” (*CLG*, p. 28).

Desse prisma, a definição de *língua* implica a eliminação de tudo o que seja estranho ao sistema, ou seja, tudo o que pertence ao que ele chamará, no capítulo seguinte, “Elementos internos e elementos externos da língua”, de a “lingüística externa”.

E, a esse respeito, Saussure não foi ingênuo. O *CLG* registra que Saussure tinha presentes, para si, de maneira muito clara, as grandes questões que rondavam (e ainda rondam?) a instauração da lingüística como ciência.

Com isso, quero dizer que, se se pode considerar que, de um lado, com a determinação da *língua* como objeto da lingüística, Ferdinand de Saussure parece trazer paz aos corações aflitos do início do século XX, que clamavam por um objeto tangível e regular; de outro lado, não se pode ignorar que Saussure não desconhecia que a *fala*, ou aquilo que não cabia na definição de *língua*, problematizava a regularidade do objeto construído. O linguista estaria, sempre, dividido dada a natureza de seu objeto?

Ora, o linguista previsto por Saussure padece do provisório de seu saber. Saussure, mais do que qualquer outro linguista, soube formular o incontornável da

língua, o que escapa à toda matematização. Na citação acima, o nome disso é *dilema*, mas há outras denominações.

Mas o título deste item formula diretamente outra pergunta: quem é o linguista hoje? Respondê-la nos coloca num *dilema*.

## REFERÊNCIAS

De MAURO, Tullio. *Cours de linguistique générale*. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1972.

DOSSE, François. *História do estruturalismo: o campo do signo*. São Paulo, Ensaio; Campinas, Editora da UNICAMP, 1993.

ENDRUWEIT, Magali Lopes. *A escrita enunciativa e os rastros da singularidade*. Doutorado em Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2006

LE MOS, Claudia de. “Entre o falante ideal e o sujeito falante: por onde se move a pesquisa lingüística e/ou por onde circula o linguista. In: *Conexões letras*. UFRGS, PPG-Letras, Porto Alegre, 2008. (disponível em <http://www.conexaoletrasufrgs.com/>) acesso em julho/2009.

MILNER, J. -Cl. *Introduction à une Science du Langage*. Paris: Seuil, 1989.

\_\_\_\_\_. *L'amour de la langue*, Paris: Seuil, 1978.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Cultrix, São Paulo: 1975.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de linguística Geral*. São Paulo, Cultrix, 2004. (organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler).

Valdir do Nascimento Flores

Professor do Instituto de Letras da UFRGS. Pesquisador – PQ do CNPq.